

UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DA HERMENÊUTICA FEMINISTA NA AMÉRICA LATINA

Aluna: Silvana Venancio
Orientadora: Tereza M. P. Cavalcanti

1) Introdução – Uma proposta de trabalho e o caminho a seguir

Esta pesquisa se propõe a examinar a proposta antropológica que surge da hermenêutica feminista na América Latina. E para atingir esse objetivo será necessário um corte, visto que, examinar todo o movimento de emancipação das mulheres neste continente, além de ser uma árdua tarefa, seria metodologicamente impossível e academicamente imperdoável. Esse corte será dado através do olhar da teóloga e biblista Ivoni Reimer. Especialista em Novo Testamento, ela tem contribuído muito com a produção teológica numa perspectiva de gênero e feminista na América Latina. Com vários livros e artigos publicados nesta área, Ivoni Reimer tem sido uma referência no Brasil e na América Latina. Mas para entender melhor o tema, será necessário fazer uma breve contextualização do assunto, traçar em linhas gerais alguns aspectos da antropologia cristã e por fim abordar o novo rosto de Deus e do ser humano que brota da hermenêutica feminista na América Latina, tendo como objeto de análise a obra da teóloga e biblista luterana Ivoni Richter Reimer.

2) Contextualização da questão

Durante a década de 70, as mulheres tomaram a palavra em vários campos do saber e um deles foi o da Teologia. E uma das grandes novidades desta década efervescente e frutífera foi a leitura bíblica numa perspectiva feminista na América Latina, motivada pela Teologia da Libertação e por uma antropologia integral, em detrimento de uma antropologia dualista platônica e neoplatônica¹.

2.1) Breve histórico da Hermenêutica Feminista na América Latina

O movimento das mulheres numa perspectiva hermenêutica feminista de leitura bíblica não se restringiu à América Latina. Pois o interesse das mulheres em torno da Bíblia, ou seja, a análise bíblica numa perspectiva de conter o patriarcalismo interpretativo e até original, presente no próprio texto bíblico (Fiorenza) vem de muito longe. Um exemplo disso é o projeto Bíblia da Mulher, de Elizabeth Cady Stanton, em 1898. Como se pode ver, o interesse das mulheres em torno da bíblia é muito antigo e é cada vez mais necessário elaborar uma nova forma de entender a Bíblia e a Revelação. Para que haja uma leitura feminista da Bíblia numa perspectiva libertadora, segundo a historiadora e teóloga americana Elizabeth S. Fiorenza é necessário traçar, antes disso, uma mudança cultural em geral, criando novos modelos paradigmáticos (Kuhn)² para interpretar a realidade, passando de um modelo

¹ As autoras Ivone Gebara e Maria Clara L. Bingemer afirmam que “A literatura teológica cristã é marcada por uma visão centrada no homem (androcentrismo), no homem como sexo masculino. É ele o protagonista da história da salvação. Tal perspectiva projeta em Deus as qualidades culturais do sexo masculino em todos os setores da existência. A visão humanocêntrica coloca a humanidade, homem e mulher, como centro da história”. Cf.: Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: Um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis: Vozes, 1987, p 13

² O estudo de Thomas Kuhn, A estrutura das Revoluções Científicas, é o texto que trouxe à tona o uso do conceito de paradigma nos anos 1970/80, aplicado à história do fazer científico.

androcêntrico para um modelo interpretativo feminista, a fim de transformar e construir uma nova realidade³.

Mas mesmo que ainda não seja possível uma mudança tão ampla, alguns passos podem ser dados, e é na hermenêutica Bíblica que as mulheres encontraram ao mesmo tempo a sua fonte de opressão e de libertação. Pois, embora a Bíblia tenha sido usada, como afirma Fiorenza, durante muito tempo como instrumento para justificar a opressão das mulheres, atualmente, por conta de uma leitura feminista influenciada pela Teologia da Libertação, esse novo jeito de ler a Bíblia desafia as consciências, levantando suspeitas sobre as teologias acadêmicas diante da sua pseudo neutralidade, e questiona também a possibilidade de se fazer uma leitura neutra da Bíblia. Segundo Fiorenza, os textos bíblicos não são revelações verbalmente inspiradas nem princípios doutrinários. São formulações históricas surgidas no contexto de determinada comunidade religiosa. É necessário, então, segundo ela, questionar a neutralidade da interpretação da Bíblia fazendo o que Fiorenza chama de “hermenêutica de suspeita”. Ainda sobre a impossibilidade da neutralidade acadêmica, acrescenta o sociólogo e antropólogo francês Pierre Bourdieu: “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la”⁴.

Para ressaltar a importância do tema e a relevância do uso da Bíblia na libertação das mulheres, é importante voltar-se novamente para a iniciativa de Cady Stanton, no final do século XIX. Ela traz argumentos importantíssimos, através dos quais uma interpretação feminista e científica da Bíblia se faz necessária porque⁵:

- a) “Ao longo da história e, sobretudo hoje, a Bíblia é usada para manter as mulheres na sujeição e impedir sua emancipação”.
- b) “Não somente os varões, mas, sobretudo as mulheres são os crentes mais fiéis na Bíblia como a Palavra de Deus”.
- c) “Não se pode reformar a lei e as outras instituições culturais sem reformar também a religião bíblica que reivindica a Bíblia como Escrituras Sagradas.”⁶

Outra contribuição importante vem de outra americana, Mary Daly, com o seu livro: *A Igreja e o Segundo Sexo*, de 1969, inspirado no título da obra de Simone de Beauvoir: *O Segundo Sexo*⁷. Nesta obra, Daly propõe ao criticar o modelo patriarcal e androcêntrico da Igreja, fazer um deslocamento hermenêutico na sua leitura da história cristã, criar uma

³ FIORENZA, Elizabeth. As origens cristãs a partir da mulher – Uma nova hermenêutica. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. A teóloga propõe que sejam revistos os modelos teóricos interpretativos da Bíblia, O primeiro modelo ela chama de modelo doutrinário, o segundo, o modelo da exegese histórico positivista, o terceiro é uma hermenêutica dialógica e o último o da teologia a libertação, p 26.

⁴ BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007. p 18.

⁵ A discussão em torno das Escrituras é extremamente necessária diante de novos movimentos religiosos de cunho fundamentalista que enfatizam a infalibilidade das Escrituras baseados num modelo de inspiração verbal. Num recente artigo publicado na França, o pastor da Igreja Reformada Francesa, Philippe Aubert, trata o protestantismo como uma Religião hermenêutica. Na opinião do pastor reformado francês, o protestantismo entende Jesus Cristo como a revelação última de Deus (Barth). Sendo o ser humano incapaz de fazer algo para salvar-se. Mas tal revelação só é conhecida mediante as Escrituras, sendo os clérigos e a Igreja, apenas uma realidade secundária. Le protestantisme, une religion de l'herméneutique. Disponível em: <http://prolib.net/theologie/202.005.hermeneut.aubert.htm>.

⁶ In.: FIORENZA p 35.

⁷ Simone de Beauvoir afirma em sua obra que “não se nasce mulher, torna-se mulher. No final da década de 40, ela já percebe e denuncia que é o feminino é uma construção cultural e não um resultado da natureza. Ela antecipa o que será trazido pela Antropologia na década de 80 sobre a categoria de Gênero”.

distinção entre o que é sócio-cultural, e o que é essencial na mensagem e na vida cristã⁸. Nas palavras de Elizabeth Lacelle: “Ela (Daly) reconhece como patriarcais as instituições da Igreja católica romana⁹, com suas conseqüências na socialização das mulheres. E denuncia um ensino teológico centrado no homem, a partir de uma concepção do masculino como exemplar de humanidade e, por conseqüência, das representações de Deus. Ela já sublinha a distorção cristológica que faz da masculinidade de Cristo um dado de revelação para confirmar a aptidão do tipo humano masculino para representá-lo publicamente como ‘Cabeça da Igreja’ e nas celebrações sacramentais públicas como a Eucaristia”¹⁰.

Na America Latina, o protagonismo das mulheres, como já foi dito, é fruto da Teologia da Libertação, a partir na década de 1970. “No Brasil e na América, articula-se o pressuposto básico de que os pobres são o novo sujeito hermenêutico e há um grande esforço de resgatar a memória histórica deles. Nesse movimento as mulheres começam a aprofundar a pergunta pela concretude da pobreza, buscado os seus corpos históricos. (...) Assim com referenciais antropológicos e sociológicos afirma-se a feminização da pobreza.”¹¹

As mulheres e crianças se tornam o referencial para a hermenêutica de libertação na America Latina. No Brasil, a primeira geração de teólogas que se preocuparam com a luta das mulheres, tinham no seu labor teológico vínculos com as pastorais populares. São elas. Agostinha Vieira, Ivone Gebara, Ana Flávia Gorgulho, Ana Maria Tepedino, Tereza Cavalcanti e Maria Clara Bingemer, entre outras.¹² “A segunda geração desponta logo a seguir, a partir da década de 1980: estudantes de teologia aderem ao processo e dá-se um verdadeiro florescer hermenêutico, a partir do engajamento em momentos sociais e políticos (...) Inúmeros estudos, textos, cursos, assessorias em meio a grupos populares, CEBIs etc., marcam esse momento histórico.”¹³ A década de 1990 irá enriquecer toda esse efervescência com a categoria de gênero, “como um instrumental analítico da construção das relações entre homens e mulheres e suas variantes.”¹⁴

2.2) A categoria de Gênero

A categoria de gênero foi uma descoberta relevante da Antropologia, durante as décadas de 70 e 80, e tem sido uma contribuição importante para a leitura hermenêutica feminista na América latina. “A categoria de gênero enfatiza o caráter social das distinções construídas a partir das diferenças biológico-sexuais. A construção de nossas identidades femininas e masculinas depende mais da nossa cultura do que da nossa anatomia. Pois não é verdade que as chamadas “características” de mulheres e de homens sejam “naturais”, mas elas vão sendo construídas, assumidas, introjetadas e reproduzidas por mulheres e homens.”¹⁵, afirma Ivoni Reimer. A visão androcêntrica do mundo, no entendimento de Ivoni Reimer, não é apenas um problema da Igreja, mas é comum ao texto bíblico e nem os evangelistas conseguem escapar. “... Lucas, assim como os outros evangelistas, faz uso da linguagem típica do mundo. É a

⁸ LACELLE, *Élisabeth J.* As Ciências Religiosas Feministas: estado da questão - Traduzido por *Margarida Oliva* publicado na revista *Revista de Estudos da Religião* Nº 1 / 2002 / pp. 12-55. http://www.pucsp.br/rever/rv1_2002/p_lacell.pdf

⁹ Leia aqui todas as Igrejas Cristãs

¹⁰ Ibid

¹¹ REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração*. Teologia Bíblica Feminista. São Paulo: Paulinas, 2005, p 24.

¹² Ibid, REIMER, p 25.

¹³ Ibid

¹⁴ Ibid

¹⁵ REIMER, Ivoni Richter. *O belo, as feras e o novo tempo*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Cebi, 2000, p 19.

linguagem androcêntrica, aliás, em uso em dias atuais. Essa linguagem é centrada no homem e toma como ponto de referência, o homem e suas experiências.”¹⁶

A questão de gênero traz à tona o tema da construção dos corpos, assunto abordado por Pierre Bourdieu no livro **A Dominação Masculina**. Pois será no corpo e por causa dele que as diferenças dos sexos masculino e feminino, serão externadas na vida social. “A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.”¹⁷ Neste sentido, afirma Bourdieu, aos homens é legado o espaço do mercado, da praça pública; quanto às mulheres, o espaço da casa, especialmente o interior dela. Se a divisão social do trabalho, segundo Bourdieu, é uma construção cultural, ela pode ser objeto de transformação. Mas, no entanto, o que a história pessoal de muitas mulheres mostra é que vencer a barreiras sociais não é suficiente, pois muitas acabam vitima de uma culpabilização por causa de uma visão que fora introjetada desde a infância de que lugar da mulher é na “cozinha”.¹⁸

O corpo feminino, segundo Pierre Bourdieu, é domado, dentro de uma violência simbólica, que impõe à mulher uma moral diferenciada do homem, que inclui gestuais de levantar-se, baixar-se, forma de olhar¹⁹. A violência simbólica, segundo Bourdieu, é instituída por intermédio de uma concessão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante.²⁰ O teólogo da libertação Leonardo Boff confirma que o sexo pode ser um instrumento para manter a superioridade do mundo masculino e alerta contra todo tipo de dominação, seja ela patriarcal ou matriarcal. “A relação entre os dois sexos nunca é natural é humana, vale dizer, cultural, conflitual, dentro de certa maneira de distribuir os papéis e o poder social. Aqui abre-se a possibilidade e também a realidade histórica da luta dos sexos, (Beauvoir) da mútua dominação (patriarcalismo ou matriarcalismo) bem como a emergência de formas superiores de colaboração e fraternidade.”²¹

Os estudos de gênero mostram, como afirma a teóloga Luiza E. Tomita, que as diferenças dos sexos, antes percebidas como naturais, não podem ser atribuídas à natureza, mas à cultura.

“Os estudos de gênero nos vão ensinar que não é a natureza, mas a cultura que determina a condição diferenciada entre homens e mulheres. Assim não é a natureza que determina o âmbito do privado para as mulheres e o âmbito do público para os homens, mas desde cedo as meninas são treinadas para serem boas donas de casa, cuidar dos filhos e das tarefas domésticas. Do mesmo modo os meninos são

¹⁶ REIMER, Ivoni Richter. Vida das Mulheres na sociedade e na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1995, p 17. O androcentrismo, no entanto, pode ser sentido em todas as esferas do conhecimento, além da linguagem.

¹⁷ Ibid, BOURDIEU, p 20

¹⁸ O confinamento das mulheres ao espaço da casa é tratado por Elizabeth Schüssler Fiorenza em um artigo publicado na revista Ribla n.º. 132 (Outubro-Diciembre 1994), intitulado “Mujer y ministério en el cristianismo primitivo”. Neste texto, Fiorenza trata das igrejas domesticas e o quanto as mulheres eram valorizadas neste espaço. Mas à medida que a Igreja se aproximou da ideologia do Império a participação no ministério vai sendo negada às mulheres.

¹⁹ Ibid, BOURDIEU, p 37,38. Ainda sobre violência simbólica, Pierre Bourdieu esclarece: Ao “tomar” o simbólico em um dos seus sentidos mais correntes, supõe-se por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência, C.f. P. Bourdieu, A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007. p 46

²⁰ Ibid, BOURDIEU, p 47

²¹ BOFF, Leonardo. O rosto materno de Deus. Petrópolis: Vozes, 1979, p 56.

treinados para se tornar bons profissionais, ocupar cargos de chefia ou responsabilidade pública."²²

Para ressaltar e exemplificar a importância da categoria de gênero na leitura feminista da Bíblia, Ivoni Reimer destaca dois aspectos:

a) "Ela se torna importante porque evidencia que a teologia precisa aprofundar sua reflexão e ação feministas, questionando e rompendo com os parâmetros patriarcais e androcêntricos das ciências sociais e teológico-pastorais. Pois neles a mulher, além de ser desqualificada na sua humanidade e capacidade, também é desapropriada de sua dignidade e silenciada em sua experiência e resistência. O sistema patriarcal – e, portanto as ciências que trabalham com paradigmas patriarcais - é dualista, sexista e hierárquico, no qual o homem poderoso/branco é o princípio organizativo e normativo de todas as coisas".

b) "A categoria de gênero possibilita que nossas experiências cotidianas sejam levadas a sério como fonte e reflexão teológicas, como processo de conhecimento e como autoridade nos processos decisórios de exercício de cidadania. Nosso cotidiano é como uma rede ou como um tecido, no qual se cruzam diversos mecanismos de desigualdades de gênero, sociais, econômicas, culturais, religiosas, étnicas e de idade. Partir desse cotidiano de nossos corpos significa romper com o silenciamento e invisibilização de mulheres como agentes em processos fundantes e fundamentais da vida humana e social, desmascarando e denunciando práticas e discursos que desconsideram as diferenças ou fazem delas elementos fundantes e legitimadores de desigualdades definidas então como "naturais".²³

3) Aspectos sobre Antropologia Cristã

O debate em torno das questões de gênero trazidas à tona através das pesquisas da antropologia sugere ao mundo teológico a retomada de um tema importante para a Teologia Feminista que é a relação do corpo da mulher, suas diferenças e sua dignidade garantida teologicamente pela criação. A teóloga Rosemary R. Ruether afirma que "o princípio crítico da teologia feminista é a promoção da humanidade plena das mulheres."²⁴ Essa humanidade plena garantida nos primeiros capítulos de Gênesis é assim definida nas palavras de Gustavo Gutiérrez: "O ser humano tem dois rostos: masculino e feminino. Nenhum dos dois está sujeito ao outro, ambos se orientam igualmente para Deus."²⁵ Como não existe ser humano sem corpo: "a pessoa concreta existe como homem e mulher, diferenciação e relação determinada pela corporeidade."²⁶

²² TOMITA, Luiza. "A Teologia Feminista no Contexto de Novos Paradigmas". In: *Teologia Aberta ao futuro*. ANJO, Márcio Fabri dos (Org). São Paulo: Soter, Edições Loyola, 1997, p 145, 146.

²³ Ibid, REIMER, Ivoni Richter. O belo, as feras e o novo tempo, p 22,23.

²⁴ RUETHER, Rosemary R. Sexismo e Religião. São Leopoldo: Sinodal, Est, 1993, p 23. A autora vai mais longe com sua afirmação, dizendo que tudo que nega plenamente essa humanidade não é redentor e, portanto, não reflete uma relação autêntica com o divino.

²⁵ GUTIÉRREZ. Gustavo. O Deus da Vida. São Paulo: Edições Loyola, 1992. Na exegese de Gn 2, 20 Gutiérrez afirma que o termo "auxiliar 'ezer', em hebraico é usado em diversos momentos para designar o Deus que vem em auxílio das pessoas e do seu povo (Cf. Ex 18, 4; Sl 20, 3; 33, 20; 70,6). Sendo assim, o significado de auxiliar é estar junto a"; por conseguinte, a palavra não denota inferioridade da mulher, e quando afirma que o varão é *ish* e a mulher será chamada *isháh* marca que eles são da mesma natureza.

²⁶ RUBIO, Garcia, p 459.

3.1) A visão bíblica do ser humano

Tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento as palavras carne e corpo não são distintas da alma, “mas sim o homem todo na sua fraqueza, mortalidade (...). Para o evangelho tudo no homem é corporal, tudo é espiritual, tudo é alma. Não há nada fora do corpo. Pois o espírito está também no corpo, ele é corpo humano como orientado sob a noção de Deus.”²⁷ A visão integral bíblica percebe o ser humano em toda a sua riqueza, sem eliminar as diferenças, integrando todas as dimensões da criação divina refletida no início de Gênesis: *à imagem de Deus ele criou, homem e mulher os criou* (Gn 1, 27)²⁸. A visão bíblica do ser humano será um contraponto importante ao pensamento dualista grego.

Ao falar sobre criação, a Bíblia apresenta no livro de Gênesis, duas versões do ser humano, duas pessoas, duas faces de Deus, uma masculina e outra feminina, mas uma mesma natureza. Na descrição da criação do ser humano, no primeiro capítulo de Gênesis, atribuída pelos especialistas da área bíblica ao relato Sacerdotal, não há hierarquias de valores. Nem o homem, e nem a mulher apresentam em sua essência nada que os tornem superior ou inferior ao outro, pois ambos foram criados à imagem de Deus. Há no Gênesis uma igualdade ontológica entre mulheres e homens, criados por um mesmo Deus, que não faz acepção de pessoas. “*Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus* (Gl 3, 28)”, afirma o apóstolo Paulo. Esse texto pode ser lido conjuntamente com Dt 10,17: “*Pois o SENHOR vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita recompensas*”.

No entanto, essa verdade teológica foi obscurecida em determinados momentos da história do pensamento cristão. Pois, embora a tradição cristã nunca tenha negado o masculino e o feminino, ambos como imagem de Deus, argumenta Rosemary Ruether, uma segunda tendência impregnou o Cristianismo, que tende a relacionar a feminilidade como parte inferior da humanidade a partir de um dualismo hierárquico que subordina o corpo à mente, as paixões a razão, entre outros esquemas de subordinação.²⁹

3.2) A origem da antropologia dualista no pensamento cristão

Mesmo acreditando que a matéria não é essencialmente má por causa da criação, essa verdade, no entanto, foi aos poucos obscurecida, e a negação da matéria se tornou uma realidade. Para justificar essa passagem, Luiza Tomita, recua à Patrística, e explica como a mentalidade grega penetrou na Teologia Cristã:

“Desde que Tertuliano e vários de seu tempo identificaram o corpo da mulher com o mal e o pecado original com o pecado sexual, o corpo santificado, o corpo divinizado é sempre um corpo assexuado. Eros, sexualidade ou impulso vital são inerentes ao ser humano, tanto quanto a racionalidade e o impulso para o bem. Entretanto, a influencia do pensamento platônico no Cristianismo, dicotomizando a relação razão/espírito e corpo, pureza e poluição, sentimento e sexualidade, definiram a identidade do homem e da mulher de forma antagônica. O homem foi identificado com o espírito e a mulher com o corpo. Neste

²⁷ COMBLIN, José. Antropologia. Coleção teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 1985, p 77.

²⁸ RUBIO, Alfonso Garcia. Esse tema é mais bem desenvolvido na obra Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 3ª edição, 2001.

²⁹ RUETHER, Rosemary, p 83

*dualismo, a mulher é inferiorizada e o corpo e a sexualidade são negados.*³⁰

Nessa antropologia dualista, neoplatônica existe uma separação profunda entre mulheres e homens. Sendo o homem identificado com o elemento pensante, racional, e forte, e a mulher como o imperfeito, emocional e frágil, um ser de segunda categoria. Nesta antropologia, de modelo sexista, além de o homem ser o modelo do racional, é padrão e caminho para se identificar com Deus. Porque só através do homem se pode chegar ao divino, este sim é o perfeito mediador.³¹ Seja numa perspectiva dualista platônica, seja num dualismo cartesiano, no qual o corpo é entendido como uma máquina comandada pela razão e pode viver independente dela, não importa o modelo, foram esses dois pensamentos antropológicos que mais influenciaram a Teologia Cristã, ao contrário de uma visão integral, unitária do ser humano apresentada na Sagrada Escritura.

Essa igualdade ontológica garantida na criação, embora não tenha sido negada explicitamente, o foi na realidade, pois a mulher foi tratada teologicamente como inferior, por causa de uma antropologia patriarcal, que dominou a ortodoxia clássica, cuja fonte principal é Santo Agostinho, segundo Rosemary Ruether. Nas palavras da autora:

*“Agostinho expressa todos os aspectos dela [antropologia patriarcal] de modo explícito. Ele, por sua vez, é a fonte desse tipo de antropologia para a tradição ocidental posterior, tanto católica, quanto protestante, que encara Agostinho como manancial da ortodoxia. Ainda que Agostinho admita a possibilidade de redenção da mulher e, por conseguinte sua participação na imagem de Deus, este aspecto é tão sobrepujado por sua representação corporal do eu inferior, propenso ao pecado, que ele a considera como possuidora da imagem de Deus apenas de modo secundário. Só o homem possui a imagem de Deus de modo normativo.”*³²

De acordo com Rosemary Ruether, em seu livro ***Sexismo e Religião***, São Tomás de Aquino dá continuidade ao pensamento de Agostinho, mas acrescenta algo a esta antropologia patriarcal ao adotar a teoria biológica da inferioridade da mulher, herdada da filosofia aristotélica. Essa inferioridade, na opinião de Aquino, foi acentuada pelo pecado. Seguindo essa linha de pensamento, a Reforma Protestante não consegue escapar de uma antropologia marcadamente patriarcal, e atribui ao pecado a condição de subordinação da mulher. Pois, ao invés de olhar o texto de Gênesis como narrativas etiológicas³³, os reformadores afirmam que

³⁰ TOMITA, Luiza. “A Teologia Feminista no Contexto de Novos Paradigmas”. In: *Teologia Aberta ao futuro*. ANJO, Márcio Fabri dos (Org). São Paulo: Soter, Edições Loyola, 1997, p 151-152.

³¹ Ibid, GEBARA, BINGEMER, p 11-13.

³² Ibid, RUETHER, p 85.

³³ Ver sobre esse assunto no livro ***Unidade na Pluralidade*** de Garcia Rubio, já citado. O autor trabalha os relatos da criação, explicitando o sentido de mito e o significado desses relatos na História da salvação. Cf.: cap 3 – Deus criador: o ser humano criatura de decisão e de resposta (Antigo Testamento). O teólogo e filósofo galego Andrés Torres Queiruga, explicita bem esse tema, em seu livro ***Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus***, ao falar sobre a relação entre a Bíblia e Revelação: Então começamos a compreender em que sentido se deve falar da Bíblia como “palavra de Deus”. E o é de verdade, pois nela se expressa aquilo que quer nos manifestar, mas o é, sempre e necessariamente, nas e por meio de palavras humanas, mediante as quais consegue expressar-se. “E estas de modo inevitável, levam a marca de seu tempo e lugar; recolhem realmente a manifestação de Deus, mas “traduzindo-a” nos modos limitados de uma subjetividade, de uma sociedade, de um tempo e de uma cultura determinada.” Sem esse entendimento da sagrada Escritura corre-se o risco de justificar matanças e injustiças como vontade revelada de um Deus, que é amor e é Santo, Santo, Santo.

a situação de subordinação da mulher foi consequência do pecado e uma realidade imposta por Deus.

Para Lutero, afirma Rosemary, a mulher perdeu a sua igualdade original ao pecar e tornou-se inferior ao homem em mente e corpo. Já a tradição calvinista tenta fugir de uma noção de inferioridade inata da mulher e de uma propensão maior ao pecado, mas apresenta a mulher dentro de uma visão de subordinação, como ordem original das coisas criadas por Deus. Um dos maiores teólogos reformados, Karl Barth, compartilha dessa opinião, de acordo com R. Ruether: Como criador, diz Barth, Deus é soberano sobre sua criação. O pacto da natureza não foi anulado, mas restabelecido no pacto da graça, pelo qual Cristo como cabeça, governa seu povo como servos obedientes. Por conseguinte, o homem e a mulher estão necessariamente numa relação entre aqueles que lideram e aqueles que seguem³⁴. Sendo assim, “qualquer esforço de mudar essa ordem e dar à mulher igualdade com o homem seria em si uma rebelião pecaminosa contra as ordenações da criação e redenção decretadas por Deus”³⁵, afirma Rosemary Ruether.

Embora a filosofia grega tenha influenciado a teologia cristã, contribuindo com um pensamento que nega às mulheres a sua humanidade plena, será na Bíblia e no próprio pensamento cristão que dialeticamente as mulheres encontrarão os argumentos necessários à sua libertação. E com certeza, um desses argumentos será o conceito de pessoa que implica numa existência para o outro.

3.3) O ser humano como pessoa

Segundo Garcia Rubio, o conceito de pessoa não foi desenvolvido entre os gregos, ele é “uma criação própria do Cristianismo. É resultado sobretudo da experiência dialógica na relação entre Deus e o homem.”³⁶ No mundo grego não havia espaço para se pensar o ser humano como pessoa. Pois este estava inserido num universalismo que o compreendia a partir de uma inteligência universal agindo em todos por meio das idéias. “Não se podia imaginar que o individuo tivesse mais valor do que a cidade. Quanto à filosofia ela não oferecia nenhuma entrada ao valor inalienável de um individuo: o individuo não era objeto da filosofia, mas somente o universal.”³⁷

De acordo com o teólogo José Comblin, o personalismo bíblico, anunciado pelos profetas e sábios e por Jesus Cristo, no Novo Testamento, evidenciado na sua relação exclusiva com o Pai, foi transmitido aos cristãos, mas não foi adequadamente tematizado.³⁸ Pois a teologia clássica se encarregou de comentar e repetir Boécio: “*Pessoa é a substancia individual de natureza racional*”. Para ele, “a teologia clássica foi involuntariamente a precursora do individualismo moderno porque não conseguiu unir verdadeiramente numa visão de conjunto a pessoa e a comunidade.”³⁹ Na tentativa de conter o individualismo exacerbado, o personalismo do Século XX, representado por dois judeus: Martin Buber e E. Levinas será uma contribuição importante para combater esse individualismo, sem excluir os cristãos⁴⁰.

Na antropologia filosófica de Martin Buber, a pessoa humana é compreendida a partir da relação ‘eu-tu’. “O ser humano, de acordo com Buber, constitui-se como pessoa nesta relação [‘eu-tu’], e não a partir da sua relação com o mundo material, A relação ‘eu-tu’ é uma relação de reciprocidade: cada pessoa está imediatamente presente na outra.”⁴¹ Parafraseando Gênesis, Buber afirma: “no começo é a relação”. Outras afirmações do filósofo que

³⁴ Citado por Rosemary Ruether, *ibid*, p 87.

³⁵ *Ibid*, RUETHER, p 87,88.

³⁶ *Ibid*, RUBIO, p 304.

³⁷ COMBLIN, José. Antropologia. Coleção teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 1985, p 67

³⁸ *Ibid*, COMBLIN, p 67

³⁹ *Ibid*, COMBLIN, p 68

⁴⁰ *Ibid*

⁴¹ *Ibid*

confirmam as declarações de Conblin são: “A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas (...) A finalidade da relação é o seu próprio ser, ou seja, o contato com o Tu. Pois, no contato com cada Tu, toca-nos um sopro da vida eterna. Quem está na relação participa de uma atualidade, quer dizer, de um ser que não está unicamente nele nem fora dele. Toda atualidade é um agir do qual eu participo sem poder dele me apropriar.”⁴²

Partindo do mesmo personalismo de Buber, e um pouco mais recente, Emanuel Levinas, segundo Comblin, amplia a perspectiva do assunto. “Para Levinas o homem chega a descobrir o que é realmente e descobre-se como pessoa na revelação do outro (...) O homem tornar-se homem real e pessoa quando se converte da sua afirmação subjetiva e da sua vontade de poder para aceitar a interpelação do outro e olhar o rosto do outro: a vítima, o pobre, a viúva, o órfão como diz a Bíblia. O pobre revela a realidade da vida e do homem, transforma todas as atitudes.”⁴³ Seguindo na mesma direção da corrente filosófica personalista e de um pensamento herdado de uma tradição bíblica e cristã, o teólogo Alfonso Garcia Rubio afirma que não existe ser humano sozinho, mas somente em relação. Não pode haver existência humana fora da relação⁴⁴.

De acordo com Garcia Rubio, como imagem e semelhança de Deus o ser humano foi criado para abertura e o diálogo que é a sua capacidade de ser responsável e de responder ao chamado de Deus. Essa visão dialógica-relacional, segundo Garcia Rubio, aparecerá de forma especial em Jesus Cristo. Pois toda “sua vida foi vivida na abertura-disponibilidade para o Pai e no amor-serviço aos irmãos.”⁴⁵ A abertura de Jesus Cristo ao outro não era semelhante à do patriarcalismo de sua época, que entendia esse outro como judeu e rico. Como afirma Gustavo Gutiérrez, “a atitude de Jesus para com a mulher representa por isso uma verdadeira ruptura com essa deformação da mentalidade do seu povo e com as categorias dominantes do seu tempo. O seu comportamento provocará reações de surpresa e até de escândalo entre seus contemporâneos, inclusive os próprios discípulos.”⁴⁶

Em suma, afirma Leonardo Boff, as atitudes de Jesus, além de significar uma ruptura com a situação vigente em sua época, apresenta grandes novidades. A mulher na pedagogia de Jesus emerge como “pessoa e filha de Deus, destinatária também da boa-nova e convidada a ser, como o varão, membro da comunidade do Reino”.⁴⁷ Embora a revolução antropológica realizada por Jesus não tenha sido mantida no Cristianismo posterior, o princípio batismal de Gálatas 3,28, expressa essa verdade teológica de forma clara, além de refletir a atitude do mestre de Nazaré que rompeu com os modelos patriarcais da sua época ao incorporar ao seu movimento discípulos e discípulas. A hermenêutica feminista na América Latina segue o rastro do movimento iniciado por Jesus no intuito de resgatar a plena humanidade das mulheres e construir um caminho teológico que vê na antropologia integral bíblica, uma fonte de libertação e de inspiração para as mulheres latino-americanas, permanecerem na luta por sua emancipação política, social, cultural, religiosa e afetiva.

⁴² BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortes e Moraes. 1977, p 20, 73.

⁴³ Ibid, COMBLIN, p 69.

⁴⁴ Ibid, BOFF, p 54.

⁴⁵ Ibid, RUBIO, p 305. Para o autor, ser pessoa implica na *dimensão de interiorização ou imanência* e de *abertura e transcendência*. Na *dimensão de interiorização* ele defende o seguinte conceito: a pessoa deve ser centrada em si própria, orientada para a própria interioridade, que pode ser desdobrada na *autopossessão* - a pessoa se auto pertence, possui autonomia própria no nível ôntico; e na *liberdade e responsabilidade* - a pessoa é capaz de escolher determinados valores por si mesma, a partir de si mesma; e na *“perseidade”* - a pessoa tem de si mesma a sua própria finalidade. Na *dimensão de abertura ou transcendência*, a pessoa é chamada a dispor de si própria, a *autopossuir-se* e a desenvolver a própria finalidade e vocação. Mas isso não significa um convite para o *isolamento ou fechamento*. A *dimensão de transcendência ou abertura* comporta os seguintes aspectos fundamentais: *abertura ao mundo; abertura aos outros, e abertura a Deus*. C.f. Garcia Rubio no livro *Unidade na Pluralidade*, p 307-312.

⁴⁶ Ibid, GUTIÉRREZ, p 215.

⁴⁷ Ibid, BOFF, p 79.

4) Um panorama biográfico da autora

Ivoni Richter Reimer possui graduação em Teologia pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (1985), graduação em Estudos de Teologia pela Faculdade de Teologia Bethel (1989) e doutorado em Filosofia/Teologia pela Universität Kassel (1990). Atualmente é Pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Professora Adjunto I da Universidade Católica de Goiás e foi professora do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e da Universidade Bennetti, no Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Bíblica. Ivoni Richter Reimer nasceu em 06 de outubro de 1959, em Palmitos, Santa Catarina, filha caçula de pequenos agricultores. Desde o início de sua caminhada Ivoni Reimer se mostrou esforçada e batalhadora na conquista do seu espaço. Na época escolar, estudou numa escola do interior e depois foi para a cidade trabalhar de dia e estudar à noite. Da sua família, de dois irmãos e três irmãs, somente ela conseguiu continuar estudando. Com uma bolsa de estudos, Ivoni estudou muito longe de casa. Foi para o Rio Grande do Sul e lá na cidade de Ivoti, num internato evangélico, ela cursou o ensino médio, aprendeu latim, grego e de quebra conheceu aquele que seria seu marido. Ainda com bolsa, Ivoni Reimer cursou a Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em São Leopoldo./RS e com a formatura estava habilitada a se tornar pastora. Durante a faculdade casa-se com o Haroldo Reimer e os dois partilham a paixão pelo ensino e pela pesquisa teológica. Ela na área de Novo Testamento e ele na de Antigo Testamento. Ivoni tem dois filhos, Daniel e Tiago.

Em 1986, o casal vai para a Alemanha para concluir um doutorado na área bíblica. Na Universität Kassel, Ivoni se dedica a pesquisa sobre as primeiras comunidades cristãs visualizando principalmente a atuação das mulheres. A tese defendida foi: "Mulheres nos Atos dos Apóstolos. Uma leitura feminista de libertação", orientada por Luise Schotrof. Ivoni Reimer foi pastora junto com o marido numa Paróquia em Niterói. Atualmente, é professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Católica de Goiás. Atua principalmente nos seguintes temas: Mulheres, Novo Testamento, Mundo sócio-cultural, Mundo filosófico-teológico, Atos dos Apóstolos. Autora de vários livros e artigos é assessora do Cebi (Centro de Estudos Bíblicos).

5) Hermenêutica Feminista na América Latina

Uma das premissas desse trabalho parte da realidade de que a mulher faz teologia. Esse fazer, no entanto, não se pauta em expressões abstratas longe do cotidiano e da vida. O labor teológico das mulheres está inserido na vida e na tentativa de entender todas as dimensões do ser humano que se coloca diante de Deus, em resposta ao seu chamado, dando um sim à vida. "A expressão teológica feminista parte sempre do vivido, daquilo que é experimentado no presente. Isso provoca a conseqüente recusa de uma linguagem abstrata diante da vida e das coisas que tocam a profundidade da relação humana. Por causa disso, há um esforço crescente para 'desmontar' os antigos conceitos teológicos para descobrir a que realidades vitais correspondem. São as realidades vitais o ponto de partida de uma explicitação teológica mais organizada."⁴⁸

De acordo com a teóloga Ivone Gebara, o labor teológico das mulheres é realizado no sentido de recuperar as realidades existenciais, deixando que elas falem por si mesmas. Partindo da vida e da realidade só para depois conectá-las com qualquer tradição anterior. "Através desse procedimento há uma tentativa de devolver à linguagem teológica sua capacidade de tocar alguns centros vitais da existência humana. Em outros termos, este procedimento é, em certo sentido, a devolução à teologia da dimensão poética da existência

⁴⁸ GEBARA, Ivone. "A Mulher Faz Teologia – Um ensaio para Reflexão". In: Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis, 46, p 5-14. 1986, p 11.

humana, visto que o mais profundo no ser humano só se exprime por analogia, o mistério só se diz em poesia, a gratuidade só se exprime através de símbolos.”⁴⁹

Esta forma de lidar com os símbolos, com o poético e o lúdico é a maneira de fazer teologia de Ivoni Richter Reimer. A autora pesquisada se insere nesta tradição de fazer teologia feminista, ou seja, partindo da realidade, da vida e do cotidiano. “Uma importante porta de entrada para a leitura bíblica e reflexão teológica feminista é o nosso cotidiano, nosso dia-a-dia, marcado também pela nossa espiritualidade. Alegria, dor, sofrimento, esperança, morte angústia, prazer... vão marcando as realidades de nossas vidas... fazem parte da história de nossos corpos em relação com outros corpos”⁵⁰, afirma Ivoni Reimer.

Para compreender a metodologia da autora e descobrir que novo rosto de ser humano surge da hermenêutica feminista na América Latina, através do lírico, do poético e do cotidiano, será necessário observar e analisar algumas de suas obras. Uma bela maneira de percorrer esse caminho é iniciar com o livro *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*, e observar a forma lúdica como a autora brinca com o título e logo de início subverte as expectativas ao inverter as afirmações, pois não se trata da bela e a fera, mas do belo e as feras. A autora esclarece o significado do belo:

“O belo é motivo da existência, e a vida é o seu objetivo, sua razão de ser. O Belo fecunda, cria e recreia a vida, se alegra com sua beleza. ...Quem é Belo certamente transmite beleza. O Belo é Senhor da justiça, da defesa da vida... o Belo manifesto em Jesus de Nazaré está justamente na revelação de sua justiça: acolhe as pessoas que sofrem, resgata a dignidade de todas as pessoas desprezadas, constrói – já agora – um novo tempo através de palavras, gestos e ações. (...) E para que a beleza da justiça vença, o Belo encarnado precisa continuar lutando contra as bestas-feras. Feras que beliscam, que mordem a vida, querem derrotar o Belo aqui, onde ele mora: na sua criação – casa nossa! Ah, essas bestas-feras! Como espezinham a vida da gente! Nem sempre aparecem com caras e corpos feios, mas sempre são feias, porque gestam e reproduz o Feio. ... As bestas feras oprimem através do poder do dinheiro, da ganância, do poder usado em benefício próprio, da prostituição, da violência, do narcotráfico, da corrupção, do exercício político irresponsável, da insegurança... Mas as bestas-feras não vencerão!

*Esse é o Novo Tempo que se torna novo a cada dia, desde tempo milenares. O Belo é o sujeito da construção desse tempo. Ele se torna sujeito em nós através de nós. Torna-nos imagem de sua Beleza, expressão de sua sabedoria de vida”.*⁵¹

Uma leitura hermenêutica da Bíblia que trabalha com a categoria de gênero, segundo Ivoni Reimer, observa alguns aspectos no texto que ajudam a entender a realidade das relações sociais e culturais que estão inseridas na vida do texto e na vida de quem o reflete.⁵² A leitura bíblica feminista numa perspectiva libertadora que se utiliza da categoria de gênero, pergunta, sobre as relações de poder tecidas no texto. “E por isso necessariamente estará

⁴⁹ Ibid

⁵⁰ REIMER, Ivoni Richter. *O belo, as feras e o novo tempo*, p 16.

⁵¹ Ibid, REIMER, , p 08-14.

⁵² Ibid, REIMER, p 20.

analisando a realidade e os textos na interrelação de gênero, classe, raça/etnia, observando também as experiências e os conflitos de gerações.”⁵³ A leitura bíblica feminista libertadora tem por finalidade ainda, de acordo com a autora, de buscar e resgatar histórias e memórias de mulheres a partir de seu contexto sócio-histórico.⁵⁴

A desigualdade entre mulheres e homens sustentada ao longo dos anos por uma visão androcêntrica e patriarcal na sociedade, não isenta a Bíblia de partilhar da mesma experiência. O mundo cultural em que os textos bíblicos foram produzidos não é muito diferente do atual e por isso, de acordo com Ivoni Reimer, a interpretação da Bíblia exige uma hermenêutica que leve em consideração a opressão de classe, de gênero e de etnia. Mesmo levando em consideração o contexto patriarcal onde foi escrito o texto bíblico, Ivoni Reimer, não diminui a importância da leitura da Bíblia, como Palavra de Deus. “Ler a Bíblia é um exercício. E quanto mais o fazemos mais gostoso e necessário ele se torna. Tornar-se algo relacional mais aberto... mais profundo. E quanto mais gostoso e necessário ele se torna. Torna-se algo relacional. E quanto mais relacional, mas aberto ... mais profundo. Abrimos o jogo, a vida. E quando levamos nossa vida para junto da leitura bíblica, ela se torna mais rica e mais fecunda. É que na Bíblia igualmente encontramos uma enormidade e variedade de histórias de vida.”⁵⁵

Ler a Bíblia numa perspectiva hermenêutica de libertação, de acordo com Ivoni Reimer, é estar comprometida com a diaconia de Jesus é se colocar neste movimento libertador dando um sim a vida. “É a vida o princípio e o referencial de uma Teologia Bíblica Feminista libertadora.”⁵⁶ Sendo assim, segundo a autora, fazer teologia feminista na América Latina, significa conhecer e reconhecer essas situações de vida, reconhecendo nosso lugar hermenêutico, assumindo as grandes e principais tradições bíblicas do êxodo, do deserto, da cruz e da ressurreição. Igualmente recuperando a importância de Hagar e a memória de outras mulheres como Sara, Rebeca, Débora e Maria Madalena, como a primeira testemunha da ressurreição de Jesus Cristo, Júnia, Trifena, Trifosa, Mirta, Tecla e de tantas outras mulheres, profetisas, discípulas e missionárias na história do povo de Deus.”⁵⁷

A hermenêutica feminista de libertação tem por finalidade, segundo Ivoni Reimer, de “colocarmos nossas vidas em contato com outras vidas, cuja memória está registrada nos nossos corpos e também no corpo da Bíblia. Resgatar essa memória histórica é tomar posse da herança que nos foi legada também pelos textos bíblicos. Essa herança nos dá poder, fortalece-nos em nossas lutas e lideranças. Não podemos abrir mão dela, que pode novamente transformar-se em poder para nós, hoje: poder dinâmico, compartilhado, igualitário, participativo, a serviço da vida.”⁵⁸

É no resgate do texto bíblico numa perspectiva de libertação que se coloca a hermenêutica feminista na América Latina. Ela procura na Bíblia os textos que destacam o papel das mulheres que foram personagens ativas no ministério de Jesus e profetisas no Primeiro Testamento, com o objetivo e fortalecer e contribuir no processo de libertação de mulheres e homens no mundo contemporâneo. Conceber a hermenêutica feminista como libertação “é perceber a liberdade humana como conquista histórica; é compreender que a passagem de uma liberdade abstrata para uma liberdade real não se realiza sem luta – cheia de obstáculos, de possibilidade de extravio e tentações de evasão – contra tudo o que oprime o ser humano. Isto implica não apenas melhores condições de vida, mudança radical na estrutura social, mas muito mais: a criação contínua, e sempre inacabada, de uma nova maneira de ser pessoa, uma *revolução cultural permanente*.”⁵⁹

⁵³ Ibid, REIMER, p 22.

⁵⁴ Ibid, REIMER, p 29.

⁵⁵ Ibid, REIMER, p 15.

⁵⁶ REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração*. p 11.

⁵⁷ Ibid, REIMER. *O belo, as feras e o novo tempo*. p 16.

⁵⁸ Ibid, REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração*, p 12.

⁵⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação, Perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p 90.

A hermenêutica feminista de libertação está inserida no contexto da Teologia Bíblica Feminista que possui algumas características próprias. “Ela é *Teologia* porque reflete a vida em meio às alegrias e tristezas, conquistas e injustiças. Ela é *Bíblica*, porque tem textos bíblicos como referencial básico de análise, considerando todos os instrumentos de interpretação e o contexto dentro do qual os testemunhos narrados foram vivenciados e escritos. Ela é *Feminista*, porque está comprometida com a luta por vida digna de todas as pessoas, principalmente mulheres e crianças, visto que são estas que mais sofrem em meio aos mecanismos de múltiplas opressões.”⁶⁰

A Teologia Feminista relaciona-se com um movimento mais amplo de articulação e organização das lutas em prol da libertação das mulheres. Movimentos estes que lutam contra sistemas patriarcais de opressão, situados em âmbitos político, social, cultural, eclesiástico, econômico e sindical. “Esses movimentos, e também a Teologia Feminista querem a libertação de mulheres das estruturas de opressão, incluindo crianças e outras minorias qualitativas, sem excluir a participação de homens nesse processo crítico construtivo.”⁶¹

O movimento das mulheres, somadas a categoria de gênero foi percebendo a importância da interpretação dos textos bíblicos numa ótica feminista de libertação das mulheres. “Em uma perspectiva bíblica, vimos que é necessário entender o processo de escrita dos textos bíblicos como produto de uma época, cultura e religião; que é essencial, portanto, realizar a análise crítica da linguagem sexista na (re)leitura da Bíblia; que precisamos resgatar tanto as narrativas e experiências de libertação quanto de opressão.”⁶² Esse olhar de “suspeita”, será a base da hermenêutica feminista na América Latina.

5.1) Um novo olhar para os textos bíblicos

Um pequeno exemplo do que seria uma hermenêutica feminista da Bíblia quando aplicadas as categorias de gênero, é fornecida por Ivoni Reiner, no livro *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*, no texto de Lucas 10,38-42. Uma exegese patriarcal e androcêntrica tem influenciado a leitura desse texto durante muito tempo e Ivoni propõe um novo olhar, dentro de uma perspectiva feminista e libertadora. O texto diz que Marta se preocupava com muita *diaconia*, termo grego, traduzido por serviço. No entanto, o “serviço” de Marta é sempre interpretado numa exegese tradicional como “serviço doméstico”

“O texto diz: Marta, porém, preocupava-se com muita diaconia. E aproximando-se e disse (para Jesus): ‘Senhor, não te importas que a minha irmã tenha me deixado servir (diaconein) sozinha? Diga-lhe, pois, que coopere (synantilambáno = estar lado a lado com alguém para dividir o peso) comigo! Nós recaímos na exegese e interpretações patriarcais quando aceitamos que a diaconia de Marta seja o “serviço doméstico”, que a reduz ao espaço da casa e a silencia nesse espaço, sem sequer ter o direito de reclamar. É essa exegese tradicional – e não o texto bíblico – que faz distinção da diaconia de Marta seja o “serviço doméstico” quando se refere a mulheres e sendo como alguma “função eclesial” quando se referem a homens (isso também vale para todos os textos bíblicos que falam de diaconia e também para Lc 8,3. (...) Penso que o texto, nas palavras de Jesus apresentadas por Lucas, discrimina a função de Marta, quando afirma que o discipulado de Maria é a “boa parte”. Temos aqui uma expressão típica de Lucas: ele prioriza o

⁶⁰ Ibid, REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração*, p 16.

⁶¹ Ibid, REIMER, p 17.

⁶² Ibid, REIMER, p 18

ministério da palavra e deixa outros ministérios valendo como secundários ou subjacentes (veja At 6).”⁶³

Para compreender esse novo olhar para o texto bíblico será necessário percorrer alguns passos e entender o lugar de cada um deles na hermenêutica feminista na América Latina. São eles, o significado dos símbolos, o processo de desconstrução e reconstrução de um texto, as relações de poder e as epistemologias opressoras e novas propostas.

Símbolos

Como já foi afirmado anteriormente, uma leitura bíblica que trabalha com a categoria de gênero, observa alguns elementos no texto, segundo Ivoni Reimer, que ajudam a entender a realidade das relações sociais que estão tecidas na vida do texto e na vida que o texto reflete. Um desses elementos é o símbolo.⁶⁴ O símbolo é um elemento que participa da cultura de todos os povos e em cada pessoa particularmente. “Eles evocam representações múltiplas, expressam experiências pessoais e sociais profundas. Um símbolo encobre/descobre toda a riqueza de um texto e, assim, expressa sua história pessoal, social e comunitária que está vinculada. Por meio de símbolos também podemos conhecer as relações de poder na organização sociocultural.”⁶⁵

Através da chave simbólica pode-se chegar a algumas observações importantes na abordagem de um texto: primeiro, perceber os principais símbolos utilizados, tanto em relação a mulheres quanto a homens, buscando entender a construção da identidade de gênero e – caso ela seja opressora – buscar a superação dessa identidade. Segundo, entender o sentido do símbolo no contexto bíblico quanto nos dias de hoje. Terceiro, perceber que imagens de ‘feminino’ e ‘masculino’ o símbolo reproduz e como elas vão fazendo história nos corpos. E por último, descobrir símbolos e imagens de Deus que um texto usa para falar de Deus – ‘masculinos’, ‘femininos’, ‘neutros’ – e se, são usados para consolidar processos de libertação ou opressão para mulheres e homens.

Processo de desconstrução e reconstrução de um texto

O processo de desconstrução e reconstrução de um texto é fundamental para a hermenêutica feminista de libertação. “Na desconstrução, é necessário perceber a dinâmica das relações de poder entre os diversos personagens e grupos mencionados no texto, a fim de entender que as atribuições e características dadas a homens e mulheres fazem parte de uma construção sociocultural.”⁶⁶ Mas o processo não termina na desconstrução de um texto, para se constituir um processo hermenêutico de libertação é necessário a reconstrução do texto. “Para podermos reconstruir a história, precisamos valer-nos também de elementos hermenêuticos que nos ajudem a entender o texto e certas afirmações nele contidas.”⁶⁷ Um desses elementos, para Ivoni Reimer, é a intratextualidade, que significa ver como o texto se entende a si mesmo; o outro elemento é intertextualidade, que se baseia em verificar e buscar informações sobre o tema ou personagem em outros textos bíblicos; o último elemento é a extratextualidade, a qual constitui o exercício de ler outros textos, sejam apócrifos sejam escritos do mundo contemporâneo do texto, que tratam do tema.⁶⁸

Só depois desse processo pode-se reconstruir o texto, significando-o para os dias atuais. Nesse estágio de desconstrução e reconstrução de um texto é feita várias perguntas ao texto,

⁶³ Ibid, REIMER. *O belo, as feras e o novo tempo*, p 24-25.

⁶⁴ Ibid, REIMER, *Grava-me como selo sobre teu coração*, p 28.

⁶⁵ Ibid

⁶⁶ Ibid, REIMER, p 29.

⁶⁷ Ibid, REIMER, p 30.

⁶⁸ Ibid

como: Que tipo de homem e/ou mulher é apresentado e projetado pelo texto e qual a função dessa apresentação? Quais os conceitos e preconceitos em relação a mulheres e homens no texto, no contexto literário e social? Como acontecem as relações de gênero no texto? Existem relações silenciadas ou invisibilizadas? Se o texto foi interpretado tradicionalmente de modo a requerer e a legitimar e subordinação de mulheres, crianças e homens empobrecidos é possível fazer uma (re) leitura libertadora dele? A partir da dinâmica libertadora da Palavra de Deus, como podemos citar as críticas e rejeitar as dinâmicas de opressão, presentes no texto e em sua interpretação? Como o texto pode ser significativo para nós, hoje?

Relação de Poder

Não basta desconstruir e reconstruir um texto para constituir uma hermenêutica feminista de libertação, para que isto aconteça é necessário perguntar pelas relações de poder contidas no texto. “Uma leitura bíblica feminista libertadora que utiliza a categoria de gênero pergunta, necessariamente, pela construção e dinâmica das relações de poder.”⁶⁹ Ao tentar descobrir a dinâmica das relações de poder existentes no texto, o teólogo/a terá que perceber como os sujeitos históricos – mesmos quando negados ou invisibilizados pela história e pelas interpretações tradicionais – são na maioria mulheres e crianças.⁷⁰

Epistemologias opressoras e novas propostas

A teóloga Ivoni Reimer, em sua metodologia, utiliza-se da abordagem de outra teóloga feminista, Ivone Gebara, *Teologia Ecofeminista*, para tratar de epistemologia. A reflexão sobre epistemologia significa perguntar pelos modos, caminhos e lugares da construção do conhecimento. Essa pergunta se torna extremamente importante na hermenêutica feminista, pois a “epistemologia androcêntrica-patriarcal foi a que mais marcou a história em todos os tempos, e continua sendo construída. Ela é responsável pela sustentação e legitimação da opressão e dominação de mulheres e outras minorias qualitativas.”⁷¹ Conhecer algumas dessas epistemologias patriarcais ajudam na compreensão do processo de libertação.

É uma epistemologia essencialista, na qual a “essência humana” corresponde a realidade anterior à queda de Adão e Eva. Está centrada num modelo divino centralizador – a pessoa não participa do processo, mas é “joguete” nas mãos de Deus. A imagem de Deus é exclusivamente patriarcal; androcêntrica, linguagem que reproduz a “superioridade” masculina – centrada em experiências dos homens, invisibilizando as mulheres. Ela está baseada em *verdades eternas*: o que foi dito uma vez é válido para sempre em todos os lugares e é dualista: sagrado/profano, homem/mulher, razão/fé, corpo/alma e etc.⁷²

Para que haja uma nova proposta epistemológica, segundo Ivoni Reimer, é necessário compreender que ela seja *contextual*, ou seja, não absolutize a experiência/conhecimento, mas esteja aberta para horizontes mais amplos. Ela será *holística*, no sentido de compreender que não somos apenas um todo, mas o todo também está em nós. Por isso é necessário considerar as múltiplas capacidades cognitivas que existem, negando os universalismos e as respostas unicistas, procurando “alargar a tenda”. Outro fator importante para uma nova epistemologia é reconhecer que a *afetividade* é essencial nessa nova maneira de conhecer. E por último, reconhecer que a *inclusividade* como desafio permanente na construção do conhecimento.⁷³

5.2) Um novo rosto de Deus e do ser humano

⁶⁹ Ibid, REIMER, p 31.

⁷⁰ Ibid

⁷¹ Ibid, REIMER, p 32.

⁷² Ibid

⁷³ Ibid, REIMER, p 33.

Uma nova epistemologia aliada a uma antropologia integral mais bíblica, permite que a leitura da Bíblia numa perspectiva feminista de libertação descubra um novo rosto de ser humano e uma nova imagem de Deus trazida por Jesus de Nazaré. “Uma hermenêutica feminista de libertação também descobre novas maneira de conhecer e relacionar-se com Deus, resgatando outras imagens para o sagrado, também contidas em textos bíblicos. Poderemos continuar falando de Deus como Pai, mas estaremos, simultaneamente e sempre, questionando a estrutura antropológica-social patriarcal que rege a sociedade de forma hierárquica, exercendo dominação e poder. Deus – Abba -, que é testemunhado em textos bíblicos, não é o grande patriarca que julga e castiga a exemplo dos senhores romanos, babilônicos e egípcios... mas é o pai amoroso, que perdoa, acolhe e sustenta”⁷⁴.

O novo rosto de Deus revelado em Jesus Cristo é o rosto de um Pai amoroso que acolhe a todos e todas. Essa nova imagem de Deus se reflete nas parábolas, principalmente nas parábolas de misericórdia e na relação de Jesus com as mulheres. “Sabemos da valorização que Jesus deu às mulheres e como ele se dedicou à restauração de sua integridade física, de sua dignidade moral e social, seu carinho e respeito são incontestáveis. Para as mulheres, isso significa que a percepção de Deus, a confissão e a teologia passam pelo corpo na sua integridade (...) Deus está - ou não está – presente na nossa vida bem concreta, E é nessa vida, como nossos corpos, na nossa integridade física e mental, que testemunhamos esse Deus.”⁷⁵

O Deus de Jesus de Nazaré se revela para mulheres. “Deus se revela na vida de mulheres, em seus corpos, na família, na sociedade e na igreja. E essa revelação é e quer libertação.”⁷⁶ E até mesmo no Antigo Testamento é possível ser testemunha desse fato, na história de Hagar, Ana, Débora e tantas outras mulheres. Nos relatos bíblicos na esfera familiar e rural em que Jesus falava as parábolas e pregava sobre o Reino de Deus é possível observar como ele se comportava em relação aos excluídos e marginalizados. “O movimento de Jesus acolhia e compromissava homens, mulheres e crianças a viver uma vida liberta e solidária, redimensionando as prioridades pessoais e rompendo as delimitações sociais, reorientando-as.”⁷⁷ O movimento de Jesus de Nazaré ao acolher os marginalizados reconhece a dignidade de mulheres e homens. “... não pode haver judeu, nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gl 3,28).

“Jesus acolhe e cura mulheres, de igual forma como o faz com crianças, pessoas doentes, empobrecidas e marginalizadas. Elas pertencem a esse grupo de minorias qualitativas. Jesus interfere em favor delas na questão do cumprimento da Tora: coloca a vida acima da lei na defesa da mulher (...) Mulheres têm liberdade e são protagonistas nesse movimento e nas origens da Igreja (...) Experiências de mulheres também são paradigmáticas nas parábolas de Jesus, que testemunham sobre a atuação e a imagem de Deus (...) Enfim, mulheres fazem parte do ministério de Jesus desde o início, tanto como sujeito no discipulado (Lc 8, 1-3, entre outros) quanto como endereçadas à prática do seu amor e salvação.”⁷⁸

6) Conclusão

Para concluir essa pesquisa, percorremos alguns caminhos que começaram na contextualização do tema, ressaltando aspectos históricos da hermenêutica bíblica feminista, e a importância da categoria de gênero para esta hermenêutica. Além de destacar os

⁷⁴ Ibid, REIMER, p 13.

⁷⁵ Ibid, REIMER, *O belo, as feras e o novo tempo*. p 58.

⁷⁶ Ibid, REIMER, p 18.

⁷⁷ Ibid, REIMER, *Grava-me como selo sobre teu coração*, p 68.

⁷⁸ Ibid, REIMER, p 107-108.

pressupostos antropológicos da leitura bíblica feminista de Libertação, passando pelo conceito bíblico de ser humano, lembrando como a antropologia dualista-patriarcal incorporou-se à Teologia Cristã, e definindo o ser humano como pessoa. Por último, nos debruçamos sobre a contribuição de Ivoni Reimer nesse processo. Um trabalho extenso que exigiu muita pesquisa, leituras, maturação do tema num tempo lógico e não linear. Enfim, esse é o resultado final dessa bolsa de Iniciação Científica. O trabalho foi intenso, permeado de momentos de dúvida e incertezas, se iria terminar a tarefa. No entanto, a pesquisa terminou e fica a gratificação do dever cumprido e a satisfação de ter crescido e aprendido muito com os autores pesquisados.

Sobre o resultado final da pesquisa, fica a convicção da importância da Hermenêutica Feminista na América Latina, no processo de libertação das mulheres, crianças e homens empobrecidos. Nesta tarefa hermenêutica, surge uma nova face Deus e um novo rosto do ser humano. Um Deus mais próximo, o Deus da Vida, que luta e liberta o seu povo. Não um juiz autocrata, que do alto emite sentenças de juízo e de castigo, mas um Deus próximo revelado em Jesus Cristo, *Emanuel, Deus Conosco*. Essa nova imagem de Deus revelada em Cristo no seu relacionamento exclusivo com o Abbá será o modelo de novas relações de um Deus pessoal: *O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó*, como diria Pascoal, com um ser humano de Deus. Ser humano este que é pessoa e expressa de forma maravilhosa essa existência pessoal, na sua relação com Deus, com o próximo, com a criação e consigo mesmo.

A hermenêutica feminista de libertação tem um papel importante na nova imagem de Deus e do ser humano, ao resgatar nos textos bíblicos imagens de Deus que contribuam com o processo de libertação e não de opressão e ao ressaltar a relação de Jesus, a Revelação plena de Deus, com as mulheres e todos os excluídos do seu contexto sócio-cultural. O papel da hermenêutica feminista junto aos textos bíblicos no sentido de extrair deles atualizações para os dias atuais, através da análise dos símbolos, das relações de poder, das epistemologias opressoras e da construção de novas propostas e da desconstrução e reconstrução dos textos já são em si mesmos libertadores. Essa análise textual contribui para que surjam novas relações baseadas no poder do amor e do serviço.

No seguimento de Jesus, são convidados mulheres e homens, velhos e crianças. Todos são convidados para *as núpcias do cordeiro*. Nesse banquete de amor, o ponto principal é a unidade sem, contudo excluir a adversidade e a pluralidade. Neste encontro de seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus, com outros seres humanos e Deus, há lugar para todas as etnias, gêneros, cores e raças. Na nova imagem de Deus, extraída de uma leitura libertadora dos textos bíblicos *não há acepção de pessoas*. Nesta nova hermenêutica em contraponto a uma hermenêutica tradicional androcêntrica e patriarcal, a imagem de Deus que aparece é de um Deus de perto e não de longe. Um Deus que está ao lado de todos os fracos e oprimidos. Um Deus que assume as dores de todos os seres humanos até a morte de Cruz.

Na hermenêutica feminista na América Latina, a dignidade das mulheres é resgatada, assim como a sua humanidade plena é assumida como condição indispensável na luta histórica para uma vida melhor. Mas essa vida não se resume à melhores condições de trabalho, igualdade de direitos civis e sociais, mas é também a liberdade de viver a sua afetividade e sexualidade. Liberdade e direito de viver na vida e no cotidiano a realidade do corpo criador por Deus. Nesta nova hermenêutica as mulheres surgem como novos sujeitos históricos dotados da plena liberdade e direito de desejar uma vida melhor. Além de sonhar com a liberdade de seus corpos e de outros corpos igualmente reprimidos. Na hermenêutica de libertação, a mulher é protagonista da sua própria libertação, conduzida por ela mesma e pelo Espírito de Deus, Pai/Mãe.

Referências bibliográficas

1. AUBERT, Philippe. «*Le protestantisme, une religion de l'herméneutique*». Disponível em: <http://prolib.net/theologie/202.005.hermeneut.aubert.htm>.

2. BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1979.
3. BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.
4. BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortes e Moraes. 1977.
5. COMBLIN, José. *Antropologia. Coleção teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1985.
6. FIORENZA, Elizabeth. *As origens cristãs a partir da mulher – Uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
7. GEBARA, Ivone, BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: Um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis: Vozes, 1987.
8. GEBARA, Ivone. “*A Mulher Faz Teologia – Um ensaio para Reflexão*”. In: Revista Eclesiástica Brasileira. Petrópolis, 46, p 5-14. 1986.
9. GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
10. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação, Perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
11. LACELLE, Élisabeth J. “*As Ciências Religiosas Feministas: estado da questão*”. In: Revista de Estudos da Religião, Trad Margarida Oliva. São Paulo, 1, p. 12-55. 2002. (Encontrado no endereço eletrônico) http://www.pucsp.br/rever/rv1_2002/p_lacell.pdf.
12. REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre teu coração*. Teologia Bíblica Feminista. São Paulo: Paulinas, 2005.
13. REIMER, Ivoni Richter. *O belo, as feras e o novo tempo*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Cebi, 2000.
14. REIMER, Ivoni Richter. *Safira: o pecado das co-sabedoras*. São Leopoldo: Cebi, 1992.
15. REIMER, Ivoni Richter. *Vida das Mulheres na sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995.
16. RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2001.
17. RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, Est, 1993.
18. TOMITA, Luiza. “*A Teologia Feminista no Contexto de Novos Paradigmas*”. In: *Teologia Aberta ao futuro*. ANJO, Márcio Fabri dos (Org). São Paulo: Soter, Edições Loyola, 1997, p 143-154.